



EDUCAÇÃO SEXUAL E DIVERSIDADE: DISCUSSÕES A PARTIR DE UM PROJETO DE INTERVENÇÃO COM ADOLESCENTES

Flávio Henrique Firmino

UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Câmpus de Araraquara
Faculdade de Ciências e Letras

Marcela Pastana

UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Câmpus de Araraquara
Faculdade de Ciências e Letras

Simone Cristina Silva Simões

UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Bauru
Faculdade de Ciências

RESUMO

A educação sexual tem se constituído como uma área em que é possível discutir temas urgentes para a sociedade. Entre esses temas está o que tem sido chamado de Diversidade Sexual, que se refere às diferentes possibilidades de expressar desejos, prazeres e afetos. Abordar a multiplicidade dessas possibilidades apresenta-se como uma forma de combater estereótipos e preconceitos. Este trabalho descreve um recorte de um projeto de educação sexual que teve por objetivo esclarecer sobre sexualidade, ao proporcionar um espaço grupal de discussão, reflexão e crítica. Neste recorte, serão relatados e discutidos os três encontros em que o tema “Diversidade sexual” foi o foco da discussão. O projeto foi realizado com adolescentes entre 12 e 16 anos, usuárias de uma unidade do Centro de Referência Especializado de Assistência Social de um município do interior paulista. Ocorreram três encontros semanais, de duas horas de duração, no ano de

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



2013. Os procedimentos adotados foram: exposição dialogada, dinâmicas de grupo, discussão de mídias, dentre outros. Conclui-se que a discussão sobre o tema diversidade sexual contribuiu para a desestabilização de estereótipos e de ideias que eram consideradas verdades absolutas, abrindo-se a possibilidade de pensar o tema a partir de outras perspectivas.

Palavras-chave: Educação sexual; diversidade; adolescentes.

INTRODUÇÃO

O que chamamos de educação sexual pode ser distinguida em dois tipos: a educação sexual informal e a educação sexual formal, sendo que enquanto a primeira é não intencional e ocorre no cotidiano dos indivíduos desde seu nascimento, a segunda é intencional e institucionalizada. Assim, a educação sexual formal é composta pelas intervenções deliberadas e sistemáticas relativas ao domínio da vida sexual, sendo suas intervenções objetivadas a partir dos conhecimentos e ideias já advindos de uma educação sexual marcada pelas influências e experiências cotidianas da vida social (CHAUÍ; KEHL; WEREBE, 1981; WEREBE, 1998). Entre os temas trabalhados pela educação sexual formal estão aqueles que se encontram na intersecção entre a sexualidade e questões sociais que devem ser privilegiadas como objeto da educação.

De acordo com Louro (1997), a sexualidade é a forma cultural pela qual vivemos nossos desejos e prazeres corporais. A autora parte da compreensão foucaultiana de que a relação que estabelecemos com nosso corpo e com o outro é atravessada por uma rede de discursos que nomeia, fixa e atribui determinados desejos e prazeres a certos corpos, enquanto os interdita a outros. Na gramática produzida por esses discursos, o sujeito é incitado a se comportar, sentir, vestir-se, andar, pensar e desejar de acordo com um conjunto de normas que nem sempre estão explícitas, mas que são produzidas e reproduzidas nas relações sociais a partir de instituições como a família, a escola, as religiões e os meios de comunicação. Como também é discutido por Louro (2009), essas normas expressam

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



a heteronormatividade, ou seja, a ordem sexual do presente, fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo, que considera as relações heterossexuais como a norma e todas as relações não heterossexuais como desviantes dessa norma (LOURO, 2009; MISKOLCI, 2012; SPARGO, 2004).

Butler (2003) define como matriz heterossexual a expectativa social de sequência e coerência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo, a partir da qual se espera que, por exemplo, um sujeito que nasceu com pênis (sexo anatômico masculino) identifique-se como homem (identidade de gênero masculina), tenha desejo sexual pelo gênero oposto (seja heterossexual) e pratique sexo heterossexual. Essa continuidade é a norma que incide sobre todos os sujeitos, sendo que qualquer descontinuidade nessa sequência é vista como desviante, ininteligível e empurra o sujeito para a zona da abjeção. Butler (2003) desenvolve a noção de abjeto a partir do trabalho de Julia Kristeva, que o define como aquilo que é expelido do corpo, aquilo que causa repulsa e não se quer ter em si. Butler se apropria dessa noção para apontar o processo de expelir de si como constituinte da identidade. Segundo a autora, para constituir a identidade o sujeito expelle de si os desejos e comportamentos que são “estranhados” pela cultura. Considerando o contexto da heteronormatividade, são expulsos aqueles desejos e sentimentos que não estão em concordância com a coerência esperada pela matriz heteronormativa. Desejos homoeróticos, por exemplo, só devem existir no outro, no estranho. Nesse sentido, estranhar o outro e chama-lo de *queer*¹, viado, bicha, boiola serve ao propósito de dizer o que não sou, estabelecendo uma fronteira entre minha identidade e aquilo que dela se diferencia por estar *para fora*.

Desde que nascemos, somos continuamente orientados por cuidadores, educadores e pela mídia sobre como devemos conduzir nossos corpos no mundo e sobre para que “serve” cada parte de nosso corpo. Nesse aprendizado sobre nossos desejos e prazeres, sobre possibilidades e limites, sempre é projetada a imagem de

¹ *Queer* é um insulto utilizado nos EUA e que significa algo como estranho, excêntrico ou esquisito. Em nossa cultura seria compatível com algo como “bicha” ou “sapatão”.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:





um “outro” enquanto uma margem, uma fronteira entre o “certo” e o “errado”, que em vez de nos dizer como devemos ser, se constituirá como uma contra referência, um “alguém” de quem eu devo sempre me afastar. Miskolci (2012) comenta como muitas vezes a primeira aproximação que se tem com a sexualidade é a partir de insultos: puta, viado, bichinha, boiola, mulherzinha, termos que se relacionam a expressões da sexualidade e que, ao serem tomados como pejorativos, são lançados sobre o outro na tentativa de diminuí-lo e dele diferenciar-se. Mais tarde, quando as crianças começam a entender o que significa puta ou viado, já passaram anos aprendendo que aquilo é ruim, errado, desprezível e que diz sobre um lugar que elas jamais deverão ocupar. Assim, qualquer pessoa que se enquadre ou seja passível de ser enquadrada em um dos termos da sigla LGBT passa a ser estranhada.

Esse estranhar o outro não seria um problema por si só, mas o fato é que, muitas vezes, ele leva à insustentabilidade da presença do outro, cuja existência “precisa” ser eliminada. A violência existente desde a infância na forma dos imperativos, proibições, insultos, piadas e agressões de colegas, professores e pais, que tanto sofrimento e impedições causam, são por vezes levadas ao extremo do assassinato, quando a presença “estranha” do outro, por si só, motiva o extermínio. Trata-se, portanto, de uma questão social concernente à sexualidade que precisa ser estudada e urgentemente trabalhada em projetos de educação sexual.

A ARTICULAÇÃO ENTRE OS ESTUDOS *QUEER* E A EDUCAÇÃO SEXUAL

Uma possibilidade recente de pensar a prática da educação vincula-se aos estudos *queer* (LOURO, 2001; MISKOLCI, 2012). Segundo Louro (2001), o termo *queer* e sua proposta de contestação e oposição à normalização alcança a academia e instiga a produção teórica de estudos heterodoxos que tem alguns pontos em comum e que, de maneira geral, propõem opor-se a binarismos como homossexual/heterossexual, homem/mulher, rompendo a lógica binária que produz e categoriza os corpos e os desejos de forma bastante limitada.

Realização:



Apoio:



Patrocínio:



PlayBook



Segundo Furlani (2008, p. 112), é imprescindível a qualquer processo de educação: “(...) duvidar da norma, questionar as hegemonias, pôr em questão a moralidade conservadora, explicitar os mecanismos históricos e políticos que marcam ‘os diferentes’ como significativamente ‘indesejáveis’”. Por isso, uma educação *queer* teria como atitude questionar, problematizar e colocar em xeque qualquer categoria ou identidade que se pretendam fixas e estáveis, qualquer enquadramento daquilo que é considerado normal e exclusão daquilo que não é.

Além de questionar as normas, a articulação entre a proposta *queer* e a educação sexual permite fazer um diálogo com e sobre aqueles e aquelas que sempre são vistos como distantes e inapreensíveis, como um estranho que não pode ser compreendido ou como um ininteligível que não pode se tornar inteligível. É justamente a manutenção de sua ininteligibilidade que permite que ele seja mantido como uma margem que contorna o que pode ser assimilado. Nesse sentido, trazer a margem para o centro das atenções e ouvir sua voz pode ser eficaz para revertê-lo em inteligível, em algo que posso reconhecer em mim.

O termo diversidade sexual é aqui utilizado para pensar sobre os sujeitos que escapam à continuidade da matriz heteronormativa. Este termo tem sido criticado por teóricos que se aproximam dos estudos *queer* (MISKOLCI, 2012) devido à noção de tolerância do outro que ele carrega, como se a diversidade compusesse aquele com o qual eu posso conviver, desde que o tolere e que ele se mantenha distante, no seu espaço. O que propomos aqui, no entanto, caminha no sentido de uma política da diferença, que afirme a “necessidade de ir além da tolerância e da inclusão mudando a cultura como um todo por meio da incorporação da diferença, do reconhecimento do Outro como parte de todos nós” (Miskolci, 2012, p. 47). No entanto, transmitir essa noção a partir do uso inicial do termo diversidade sexual nos pareceu conveniente no sentido de que ele é mais correntemente usado e naturalizado, sendo, no entanto, desconstruído durante os encontros.

Assim, as intervenções deste projeto tiveram como foco a aproximação das diferenças e o questionamento de supostas verdades. O objetivo geral foi esclarecer sobre sexualidade, ao proporcionar um espaço grupal de discussão, reflexão e

Realização:



Apoio:



Patrocínio:



PlayBook



crítica. O projeto foi realizado com adolescentes entre 12 e 16 anos, usuárias de uma unidade do Centro de Referência Especializado de Assistência Social de um município do interior paulista. Todas as participantes viviam no mesmo espaço, o que trouxe contribuições às discussões e reflexões aqui apresentadas. Ocorreram ao todo quatorze encontros semanais, de duas horas de duração, no ano de 2013. Os procedimentos adotados foram: exposição dialogada, dinâmicas de grupo, discussão de mídias, dentre outros.

Neste trabalho, abordaremos os três encontros em que o tema diversidade sexual foi o foco das discussões.

1º ENCONTRO

O primeiro e o segundo encontros sobre diversidade sexual tiveram os seguintes objetivos: esclarecer sobre a diversidade sexual com informações sobre homossexualidade, heterossexualidade e bissexualidade; problematizar sobre a presença de preconceitos e violência e refletir sobre a importância de combater a discriminação.

Antes do início das atividades, as participantes disseram que conhecem “gays” e “sapatonas”. Quando perguntamos às participantes se elas se lembravam sobre o que tínhamos combinado discutir neste encontro, elas disseram que falaríamos sobre “gay, sapatão, travesti e tudo mais o que não é bom”. Comentários sobre a homossexualidade não ser certa foram verbalizados em seguida. As influências religiosas surgiram com frequência, com o recorrente argumento de que “Deus fez o homem e a mulher, o pênis e a vagina” e que esse é o “normal”, trazendo exemplo de vivências que tiveram em casa, em que foram ditas a elas falas com esse contexto.

Na primeira atividade apresentamos, em slides, a história *Daddy's Roommate* (WILLHOITE, 1991) (*O colega de quarto do papai*, em tradução livre) em que um menino narra a história de seu pai, que se divorciou de sua mãe e passou a morar com um homem. A história enfatiza o afeto entre os personagens e aborda as

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



diversas atividades que a família homoafetiva faz com naturalidade. Após a história, as participantes demonstraram-se pensativas e não fizeram comentários.

Na atividade seguinte, propomos uma dinâmica em que líamos afirmações e pedíamos que as participantes dissessem se concordavam ou discordavam. De modo geral, as sexualidades não heterossexuais parecem ser vistas como escolhas do sujeito, realizadas em algum momento e que desviam do considerado “normal”. Também foi afirmado pelas participantes que a possibilidade de escolha ocorre quando gays e lésbicas decidem mudar sua conduta sexual, a qual pode ter sido desviante por um tempo apenas a título de experiência. Além de “errada” e de ser uma “coisa feia” a homossexualidade é unanimemente considerada uma doença. Perguntamos então com base em suas falas se os personagens dos quadrinhos da primeira atividade estariam doentes e as participantes disseram que não, ficando em dúvida quanto aos próprios argumentos.

Apresentamos o documentário *Leve-me pra sair* (LEVE-ME..., 2012), em que algumas perguntas são feitas a jovens homossexuais. Retomamos algumas questões que surgiram no vídeo, como a homossexualidade ser uma opção ou não. Em seguida, foi proposta a elaboração em conjunto, pelas participantes, de perguntas que fariam a um “gay” ou “lésbica” para que entendessem melhor o tema. As perguntas foram as seguintes: “você gosta de ser assim?”, “quando começou isso?”, “o gosto é esse mesmo?”, “você escolheu ou não?”, “se você quiser mudar você consegue?”, “já gostou do sexo oposto?”. As perguntas foram respondidas por três convidados e convidadas fora da instituição e as respostas foram apresentadas no encontro seguinte.

2º ENCONTRO

Este encontro teve os mesmos objetivos que o encontro anterior. Retomamos o tema abordado e uma das participantes relatou que na semana passada um “menino gay” que entrou para sua sala na escola em que estuda tem sofrido discriminações, como ser chamado de “bicha”. Discutimos sobre os termos

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



frequentemente usados para ofender pessoas que não são heterossexuais e o quanto isso pode causar sofrimento para essas pessoas. Comentamos que as pessoas podem ter diferentes reações ao serem chamados por termos como “bicha”, “sapatão” ou “viado”, o que geralmente depende do contexto em que tais termos são usados e quem os enuncia, podendo adquirir diferentes significados se forem ditos por um amigo ou por um desconhecido. Questionamos quais seriam então os termos mais adequados para chamar alguém que tem atração pelo mesmo gênero e uma das participantes respondeu: “pelo nome da pessoa”. As outras participantes concordaram e os coordenadores também. Enfatizamos que sentir atração pelo mesmo gênero ou por um gênero diferente é apenas uma entre as muitas características de uma pessoa. Citamos também outras características que são valoradas em nossa sociedade e que podem ser usadas para excluir o outro, como o uso de termos como “gordinha” ou “orelhuda”. As participantes citaram outros termos usados entre elas, contando que alguns são tomados como brincadeira, mas que seriam ofensivos se fossem ditos por pessoas fora de seu círculo de amizades. Afirmamos que todos nós temos características que poderiam nos estigmatizar e que, como as participantes haviam dito, chamar as pessoas pelo nome é sempre a melhor opção, lembrando-se que todos somos compostos por um conjunto muito grande de características.

Lembramos as participantes sobre as perguntas que elas tinham feito no encontro anterior, as quais seriam direcionadas para um “gay” e uma “lésbica”. Contamos que, como o combinado, havíamos entrevistado algumas pessoas e trouxemos as respostas. As participantes perguntaram onde encontramos “essas pessoas” e uma das participantes ficou surpresa quando um dos coordenadores disse que um deles é seu amigo. Outra participante afirmou que todos nós conhecemos “pessoas assim”. Concordamos com isso e dissemos que o que consideramos diferente, estranho e por isso distante de nós na verdade faz parte de nosso cotidiano. Começamos a ler as perguntas que foram feitas. A cada pergunta, questionávamos as participantes sobre o que elas achavam que o entrevistado havia respondido.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Sobre a primeira pergunta: “Vocês gostam de ser assim?”, as participantes ficaram divididas, afirmando que talvez a resposta fosse “não” devido “ao que as pessoas falam”, mas também consideraram que a resposta poderia ser afirmativa. Lemos as respostas, perguntamos o que as participantes acharam e elas ficaram em silêncio, refletindo. Sobre a segunda pergunta: “Quando começou isso?”, as participantes disseram que talvez comece logo na infância ou então na puberdade. Após a leitura das respostas, uma das participantes demonstrou surpresa em relação à resposta do primeiro entrevistado: “nossa, desde criança?”. Outra participante elogiou a resposta do mesmo entrevistado: “esse menino não tem vergonha, fala mesmo. Parabéns.” Sobre a terceira pergunta: “O gosto é esse mesmo?” (interpretado por nós como “Você gosta disso mesmo?”), as participantes afirmaram achar que sim, o que foi confirmado pelas respostas. Sobre a quarta pergunta: “Você escolheu ou não?”, as participantes também ficaram divididas. Após ler as respostas, as participantes disseram ter entendido que então é uma escolha sim, devido a uma das respostas, que dizia: “Acho que a escolha não é o que você sente, mas como você lida com o que você sente, o que você cria e constrói a partir do que sente”. Afirmamos que o que a entrevistada parece querer dizer é que a sensação, a atração, não é uma escolha, mas como lidamos com isso é. Sobre a quinta pergunta: “Se você quiser mudar você consegue?”, as participantes novamente ficaram divididas, mas a maioria acreditou ser possível uma mudança. Após as respostas, o questionamento das participantes foi sobre o que seriam rótulos. Dissemos que rótulos são como marcar, que dizem o que uma pessoa é. Enfatizamos que as pessoas são sempre mais do que “rótulos” como homossexual, heterossexual ou bissexual, ou mesmo “gordinha” e “orelhuda”. Sobre a última pergunta: “Já gostou do sexo oposto?”, as participantes achavam que não, o que também foi confirmado pelas respostas.

Ao longo da leitura das perguntas e respostas, conversas paralelas eram realizadas pelas meninas. Perguntamos sobre o que elas conversavam e elas relataram, paulatina e cuidadosamente, experiências pessoais que envolviam diversidade sexual e relacionamentos. Preocupações religiosas surgiram

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





novamente: uma das participantes disse ficar confusa, pois no abrigo dizem que certas coisas são erradas, mas no projeto sobre sexualidade que realizamos não dizemos que é certo nem errado. Disse também ficar com medo, pois apesar de achar que algumas coisas não são erradas, e se quando ela morrer “ela acabar indo pro inferno?” Afirmamos que esta é uma questão religiosa e que depende de sua fé, escapando ao domínio dos conhecimentos dos coordenadores do projeto. Trata-se de uma questão pessoal e que o que podemos fazer é proporcionar discussões que contribuam para que ela construa suas próprias respostas e seu próprio crivo de “certo” e “errado”.

3º ENCONTRO

O terceiro encontro teve como objetivo discutir sobre identidade de gênero. Dado o estereótipo que identificamos nas falas das participantes em encontros anteriores sobre travestis, solicitamos que elas produzissem um cartaz, desenhando o que elas imaginavam ser uma travesti. O desenho apresentou características consideradas tipicamente femininas que traziam elementos de uma construção normativa da mulher como ter cabelos longos loiros, usar saias e brincos de argola. Terminado o desenho, solicitamos que as participantes respondessem às seguintes perguntas: “ela tem família?”, “ela namora?”, “ela trabalha?”, “ela estuda?”. As respostas dadas pelas participantes envolveram além de aparência física aspectos da subjetividade daquela personagem, como o nome “Tiffany” e a criação de sua história de vida, na qual ela tinha uma idade abaixo de 25 anos, tinha um filho, trabalhava como garota de programa e era casada com um homem, tendo como símbolo desse laço uma aliança e sendo considerada pelas participantes uma mulher feliz.

Em seguida, apresentamos slides com informações sobre orientações sexuais e identidades de gênero, criando relações com as atividades anteriores referentes à particularidade de cada indivíduo e de seu processo de reconhecer-se ou não em sua subjetividade com determinada orientação ou identidade enquanto processo

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



natural de seu desenvolvimento. As participantes detiveram bastante atenção quando foi abordada a diversidade sexual em outras culturas, como no caso da Índia, em que há uma designação específica para as travestis. Também se atentaram sobre a questão da transexualidade na infância.

DISCUSSÃO

Nas diferentes atividades realizadas as participantes demonstraram envolvimento e compartilharam experiências relacionadas ao tema diversidade sexual. A utilização de diferentes recursos como vídeos, histórias, imagens, dinâmicas em grupo e construção de cartazes propiciou a possibilidade de que o diálogo acontecesse de forma ampla e com o estímulo à participação de todas.

A apresentação da história *O colega de quarto do papai* (WILLHOITE, 1991) foi interessante na medida em que a história trata a homossexualidade de uma forma positiva e a associa às atividades habituais e corriqueiras de casais heterossexuais, como cuidar da casa e demonstrar afeto. Considerando que frequentemente a homossexualidade é mantida na zona da abjeção por ser associada à noção de sujeira ou promiscuidade, associá-la ao afeto, a uma forma de ligação e de troca entre duas pessoas, tem o potencial de humanizá-la, tornando-a apenas mais uma das características que constituem o sujeito. É neste sentido que Furlani (2008) argumenta a favor do afeto enquanto estratégia epistêmica. Segundo a autora, a educação sexual deveria ensinar que as pessoas ficam juntas porque se gostam – e ponto. Tal explicação possibilita a inteligibilidade e legitimidade das relações homoafetivas.

O silêncio das participantes após a apresentação da história pode significar o impacto de uma abordagem diferenciada de um tema inicialmente associado a “tudo mais o que não é bom”. Evidentemente, relações homossexuais não ocorrem apenas no contexto de sentimentos afetivos (assim como relações heterossexuais), e não pretendemos moralizá-la ou “normalizá-la”, no entanto, considerando que a educação sexual formal se faz a partir das noções já adquiridas pelos sujeitos sobre

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



sexualidade, apresentar a homossexualidade de uma forma diferente da que é geralmente transmitida na cultura pode levar sua representação para além dos estereótipos. Além disso, a afirmação de que as pessoas ficam juntas porque tem afeto umas pelas outras não precisa se sustentar na ideia de amor romântico: o afeto pode ser da ordem da atração física, por exemplo, ou da busca de prazer, de trocas, entre outros. Assim, ampliar o espectro do afeto para além da dimensão do amor romântico e idealizado visto em filmes e novelas pode contribuir para a desconstrução da forma como os relacionamentos heterossexuais são representados nessas mídias. Embora não caiba neste recorte, alguns encontros tiveram como foco os relacionamentos, quando a questão do afeto foi melhor discutida.

Tanto na apresentação do documentário *Leve-me pra sair* (LEVE-ME..., 2012) quanto na leitura das entrevistas, foi possível notar o quanto as participantes se inclinavam para a tela de projeção, sem desviar os olhos. Butler (2003) discute que o abjeto é não apenas objeto de repulsa, mas também de desejo. O desejo das participantes em ouvir atentamente o considerado abjeto, que elas associaram a tudo o que não é bom, revela a possibilidade de encantamento com as diferenças, que ao ter sua dimensão humana “conquistada”, convidam os olhares e ouvidos a aprenderem com sua existência, a rirem de suas piadas ou incertezas, a se emocionar com suas angústias, enfim, a se afetar e a se identificar com o que aquele outro tem de mim, o que tem de todos nós.

É interessante notar como no segundo encontro, após a aproximação com as respostas dos entrevistados, as participantes começaram a falar sobre sentimentos que antes estavam silenciados. O que parece acontecer é que o outro passa a ser identificado e assumido dentro de mim, como parte da minha identidade. Desejos e afetos que antes eram calados, sussurrados ou expelidos sob a forma de insultos podem finalmente ganhar voz e serem ditos em alto e bom tom dentro de uma sala. O estranho no outro é revelado como estranho em mim e então a dúvida se instala. Mais fácil era projetar sobre o outro e afirmar a minha mais absoluta normalidade, mas como lidar com o que eu sinto, com esse algo que eu escuto em mim, se lá fora

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



há discursos que dizem que isto que sinto é errado? Em quem devo acreditar? Em algumas educadoras do abrigo, que me dizem que certos desejos são pecaminosos e sujos, ou nesses estranhos que não delineiam o que é certo ou errado, mas me fazem questionar minhas certezas? A dúvida e a falta que ela instala motiva a curiosidade e a busca por conhecimento, expressa pela avalanche de perguntas que nos eram feitas. Informações eram passadas e lentamente se sedimentavam na forma de novos conhecimentos, mas sempre com lacunas por onde circulavam questões ainda não respondidas e que nem pretendíamos responder, já que não pretendíamos revelar “a verdade sobre o sexo”, o que iria na contramão de um projeto de educação sexual que propõe o questionamento e a contínua desconstrução.

A aproximação com o diferente e o estranho a partir do desejo e da curiosidade que este desperta permitiu a percepção de suas características humanas. Talvez o estranhamento tenha se mantido. Afinal, quando olhamos bem de perto, qual humano não é estranho? O que muda é que a estranheza da particularidade de cada um se torna um convite ao diálogo, à aproximação, em vez de um aviso de periculosidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre o tema diversidade sexual contribuiu para a desestabilização de estereótipos e de ideias que eram consideradas verdades absolutas, abrindo-se a possibilidade de pensar o tema a partir de outras perspectivas. Em um projeto que não espera resultados exatos, é impossível determinar com precisão o alcance dos objetivos propostos, já que não é possível quantificar o questionamento sobre sexualidade ou a postura crítica das participantes.

No entanto, é possível afirmar que a visão que as participantes inicialmente tinham sobre homossexualidade como algo ruim, feio e patológico passou por um

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



processo de encantamento com as diferenças e a aceitação em si mesmas de desejos que antes eram relatados apenas no outro.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHAUÍ, M.; KEHL, M. R.; WEREBE, M. J. Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 36, p. 99-110, 1981.

FURLANI, J. Mulheres só fazem amor com homens? A Educação Sexual e os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2, p. 111-131, maio-ago. 2008.

LEVE-ME pra sair. Direção: José Agripino. Realização: Coletivo Lumika. 19'27". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7U3xUZdU3Us>. Acesso em: ago. 2012.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Teoria Queer: Uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**, ano 9, n. 2, p. 541-553, 2º Sem. 2001._____. Heteronormatividade e homofobia. In: **Diversidade Sexual na Educação**: Problematizações sobre a homofobia nas escolas. JUNQUEIRA, R. D. (Org.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 85-93. (Coleção Educação para Todos).

MISKOLCI, R. **Teoria Queer**: Um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora/UFOP, 2012. 80 p. (Série Cadernos da Diversidade, 6).

SPARGO, T. **Foucault e a teoria queer**. Tradução de Vladimir Freire. Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: Ed. UFRJ, 2006. 67 p. (Coleção Encontros Pós-Modernos, 5).

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, política e educação**. Campinas: Autores Associados, 1998.

WILLHOITE, M. **Daddy's Roommate**. Boston: Alyson Wonderland, 1990.

SEXUAL EDUCATION AND DIVERSITY:

Realização:



Apoio:



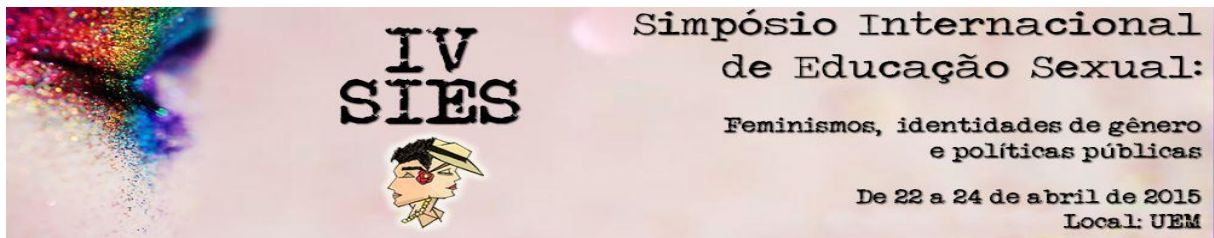
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



DISCUSSION OVER AN INTERVENCION PROJECT WITH TEENAGERS

ABSTRACT

The sexual education has been constituted as an issue as an area in which it is possible to discuss urgent issues for our society. Among these themes, there is what has been called Sexual Diversity, that refers to the different possibilities of expressing desires, pleasures and affects. The approach about the multiplicity of those possibilities is presented as a way to fight against stereotypes and prejudice. This work describes some encounters of a sexual education project that were conducted with the objective of informing about sexuality and promoting a space in group directed to discussion, reflection and critical. Three encounters about the theme "Sexual Diversity" will be related and discussed. The project was developed with teenagers who were from 12 to 16 years old, users of a unity of Social Assistance Center, located in a city in São Paulo countryside. There were three encounters, with the duration of two hours, during the year of 2013. The procedures adopted were: dialogued exposition, group dynamics, discussions about media, among others. It is concluded that the discussion about the theme sexual diversity contributed to the destabilization of stereotypes and ideas that had been considered universal truths, opening the possibility of thinking about the theme based on other perspectives.

Keywords: Sexual education; diversity; teenagers.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:



PlayBook